

# NA GRANDE NOITE AZUL DE UMA PRIMAVERA TEMPORÃ

RUBEM BRAGA

(Correspondente do DIÁRIO ARIOCA junto à FEB)

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, Correspondente do DIÁRIO ARIOCA — Via aérea — Março de 1945 — Foi nos campos romanos, ha um mês atrás, naquelas planuras graves do Lacio, que primeiro a entrevi. Pequenas flores alvas repontavam aqui e ali na relva; adiante já formavam, na extensão verde, suas manchas brancas. E quando paramos para abrir nossas caixas de Ração K, e o silêncio desceu sobre o feio caminhão 3/4 e nossas caras empoeiradas sentimos na brisa a revelação do segredo: a primavera estava chegando. Depois, bem mais ao Sul, em Caserta, numa area do grande Palácio do Rei de Nápoles, nós recebemos de subito, pela manhã, um frio desmentido: um vento gelado nos lançava neve na cara, em grandes flocos.

Mas hoje, 10 de março, ha uma pequena macieira florindo na porta do quartel. E a Primavera começou a subir as montanhas.

Ontem percorri meio quilômetro da linha de frente. Um dia estranhamente calmo, em que a guerra de repente parece um "pic-nic" em que esqueceram de convidar as moças, um "pic-nic" triste e sem graça. Metidos em suas bucas postados em suas posições ou espichados ao sol do lado de cá da encosta, os soldados me davam os seus nomes para sair no jornal.

A sombra de uma árvore, sentado, com varios homens, fiquei espiando a terra de ninguém e a terra do alemão. O sol, que descia para as montanhas em nossas costas, não deixaria que o inimigo lá da frente nos visse. No grande vale havia, aqui e ali, casinhas solitárias ou pequenas aldeias. Outras subiam pelas montanhas do outro lado, e azulavam longe, subindo-se em vagas manchas.

Fazia frio, e o céu era azul. Acabou-se no momento, aquela desgraça do inverno, com tôdas as posições brasileiras abalxo das alemãs. Daqui, de onde o nazista ficava, de dentro das casamatas e abrigos que ele abandonou, podemos ver lá atrás as casas onde dormiamos, as estradas por onde tínhamos de andar, as pontes que a todo momento passavamos. E é com um binóculo alemão que um soldado me emprestou (sua presa de guerra) que posso contar os carros que esperam em fila para passar naquela ponte.

Daqui eles regulavam o tiro de seus canhões. Identifico áquele telhado sob o qual dormi nas noites geladas de janeiro, acordando com o fragor das explosões. Do alto desta montanha e de muitas outras, à esquerda e à direita, eles vigiavam os nossos movimentos espionavam a nossa vida de atribulações e sobressaltos. Para não sermos vistos em todos os lugares a tôdas horas, estendiamos rédes para vedar as pontes, entupiamos a estrada com fumaça artificial, desciamos essas mulateiras vertiginosas com os faróis apagados, na escuridão de buracos e precipícios.

Agora passeio na frente dos "fox-holes" com a tranquilidade de quem passeia na praia do Leme. O alemão se arrisca até aquele pequeno grupo de casas, suas patrulhas rondam às vezes aquela aldeia à esquerda e aquela outra à direita, mas sua linha deve ser nas montanhas do outro lado. E com certeza ele não virá aqui: ele espera nossos homens nas montanhas além do vale, onde cavou suas tocas e dispôs suas armas.

O'ho essas montanhas. São belas inimigas. Vejo, longe,

um rebanho de carneiros, e a pastora é mulher ou menina. Ainda hoje andei na neve, pisei torrões de terra gelados. Mas nos galhos nus das árvores ha pequenos brotos — e aqui e ali na encosta, surpreendemos as primeiras, tímidas flores. Descemos a montanha a pé, andamos uma hora, vai escurecendo e quando chegamos ao P. C. do Batalhão já brilham estrelas no céu. E tudo é uma grande paz entre as montanhas.

Mas de subito ouvimos, de varios lados, o estrondo dos tanques e dos canhões, e o sibilar das granadas, e as explosões distantes. No P. C. nos informam: em algum ponto foram vistos 300 alemães e tôda a artilharia da divisão brasileira e muitos canhões do IV Corpo varreram o mesmo trecho da montanha, em dois minutos, com mais de 1.200 tiros. Depois ha apenas um ou outro espoucar de morteiros, e a forte camponesa de lenço na cabeça nos arranja alguma coisa de comer. Me dão uma "cama-casulo", estendo duas mantas no chão. E enquanto um homem fica em vigilia para atender ao telefone nós dormimos na doçura de uma primavera temporã, no frio fino da grande noite azul.

29.4.45

(Primavera - Março 45 FEB)

pg 354

falta: "Fim de março" 29/3/45

164